

MULHERES E LITERATURA DE CRIME NO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: MAXIME VILLEMER E A ENVENENADORA NO JORNAL DO BRASIL

WOMEN AND CRIME LITERATURE IN RIO DE JANEIRO AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY: MAXIME VILLEMER AND THE POISONER IN JORNAL DO BRASIL

Amanda Ribeiro Mafra Lima

 <https://orcid.org/0000-0001-9414-0781>

Correspondência: amanda.mafra@ifmg.edu.br

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Piumhi, Minas Gerais, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2024.84000

Recebido em: 30 abr. 2024 | Aceito em: 27 maio 2024.

RESUMO

Entre fins do século XIX e início do XX, diversos romances sobre crime e criminosos ganharam popularidade na imprensa e no mercado editorial carioca. O presente trabalho propõe-se a compreender tais produções a partir da categoria de gênero, pensando as mulheres como sujeitos representados e produtores de representações na ficção. Assim, trazemos considerações acerca da trajetória da escritora francesa Anne Violet que, sob o pseudônimo Maxime Villemer, teve romances publicados pelo Jornal do Brasil. Somando-se a estas considerações, apresentamos análises acerca das representações da criminalidade feminina presentes em um de seus romances - *A envenenadora* (1906). Buscamos compreender tais representações em diálogo com o contexto brasileiro e os discursos hegemônicos sobre mulheres e crime do período. Nossa abordagem fundamenta-se teoricamente nas contribuições de Constans (2007), Duarte e Paiva (2009), Chartier (2002) e Scott (s/d;2012). Nossas análises apontaram para a especificidade da atuação de Anne Violet na produção de narrativas de crime e os desafios enfrentados em um meio intelectual predominantemente masculino. Quanto às representações da criminalidade feminina, foi possível apreender a presença de um repertório socialmente compartilhado por este tipo de produção literária, que dialoga com discursos burgueses sobre a natureza e o papel social da mulher. Para além disso, contudo, identificamos como tais representações trazem à tona incisivas críticas à condição feminina na época. A partir deste intento analítico, destacamos a importância do uso ampliado da categoria de gênero nas pesquisas sobre a literatura de crime no Rio de Janeiro, capaz de incorporar definitivamente as mulheres como sujeitos históricos, presentes no imaginário social e em sua construção.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; literatura de crime; gênero; Maxime Villemer; criminalidade feminina.



ABSTRACT

Between the end of the 19th century and the beginning of the 20th, several novels about crime and criminals gained popularity on carioca press and publishing market. This paper aims to understand these productions from the perspective of gender, thinking of women as subjects represented and producers of representations in fiction. Thus, we bring up the trajectory of the French writer Anne Violet who, under the pseudonym Maxime Villemer, had novels published by *Jornal do Brasil*. In addition to these considerations, we present an analysis of the representations of female criminality present in one of her novels - *The Poisoner* (1906). We seek to understand these representations in dialogue with the Brazilian context and the hegemonic discourses on women and crime of the period. Our approach is theoretically based on the contributions of Constans (2007), Duarte and Paiva (2009), Chartier (2002) and Scott (s/d;2012). Our analysis pointed to the specificity of Anne Violet's work in producing crime narratives and the challenges she faced in a predominantly male intellectual milieu. As for the representations of female criminality, we were able to grasp the presence of a repertoire socially shared by this type of literary production, which dialogues with bourgeois discourses on the nature and social role of women. Beyond this, however, we have identified how these representations bring up incisive criticisms of the status of women at the time. From this analytical point of view, we highlight the importance of using the category of gender more broadly in research into crime literature in Rio de Janeiro, capable of definitively incorporating women as historical subjects, present in the social imaginary and in its construction.

Keywords: Rio de Janeiro; crime literature; gender; Maxime Villemer; female criminality.

1 INTRODUÇÃO

Na passagem do século XIX ao XX, diferentes narrativas literárias centradas na temática do crime circularam no Rio de Janeiro. Publicadas por editoras e tipografias diversas, muitas destas produções vinham ao público em formato de brochura, em papel de baixa qualidade e com projeto gráfico de fácil manuseio, o que permitia sua aquisição por preços módicos. Eram os chamados “livros populares”, direcionados a um público consumidor cada vez mais amplo e diversificado (El Far, 2004).

Estas produções inscreviam-se em um processo mais amplo de dinamização do mercado editorial carioca; de ampliação da imprensa periódica e suas tipografias; e do crescimento do número de alfabetizados na capital (Guimarães, 2013).

Uma parte dos romances populares produzidos neste contexto vinha de tipografias vinculadas à grande imprensa como o *Jornal do Comércio*, o *Jornal do Brasil* e a *Gazeta de Notícias*. Em geral, as oficinas aproveitavam o tempo ocioso, o maquinário e os funcionários da produção das folhas diárias para a impressão de livros. Utilizavam, assim,

a mesma composição tipográfica e o material em papel utilizado no jornal, o que tornava o custo de produção significativamente reduzido.

De forma distinta à outras tipografias, aquelas que pertenciam aos periódicos se especializavam na produção de romances. De acordo com Brito Broca (1956) e Nelson Sodré (1999), a relação dos jornais com a literatura fazia-se nítida desde as últimas décadas do século XIX, com a publicação de colunas literárias, cr nicas e romances-folhetins, produzidos por literatos nacionais e estrangeiros. A variedade de sessões dedicadas à literatura sinalizava o interesse dos leitores por este tipo de publicação, o que explicaria também sua reimpressão em livros, como ocorreu com os escritos de Euclides da Cunha e Machado de Assis.

É neste sentido que compreendemos a especialização das tipografias de jornal: ante o interesse dos leitores por textos literários talvez valesse a pena o investimento em romances, em formato de brochura. Além disso, a produção de livros possibilitava a ampliação do consumo para além dos assinantes do per dico, indicando uma nova postura empresarial dos jornais, em direção ao grande público.

Dos romances publicados pelas tipografias de per dicos, muitos já haviam circulado de forma seriada nos rodapés. Apenas para citar alguns exemplos, a *Gazeta de Notícias*, em 1880, anunciava a venda em brochura dos folhetins *As mulheres de bronze*, de Xavier de Montepin, e *Iza*, de Alexis de Bouvier; em 1882, de *Os doidos de Paris*, de J. Lermine e *O selo da Morte*, de Leite Bastos. *O Jornal do Brasil*, por sua vez, transformava em livro alguns romances-folhetins de Maxime Villemer: *Maldição*, em 1900, e *A envenenadora*, em 1906; em 1903,   a vez de *A filha do Assassino*, de Xavier de Montepin, e *Don Quixote de La mancha* de Cervantes. Nestes casos, a reprodução em brochura seguia a diagramação dos folhetins: mesma divisão em capítulos e separação do texto em colunas.

Na medida em que alcançavam significativa repercussão, alguns autores passavam a ter obras inéditas no Brasil publicadas em livros. Em geral, eram escritores portugueses, franceses ou ingleses, reconhecidos em seus países de origem pela colaboração em jornais populares. As traduções surgiam com pequenas adaptações ao cenário brasileiro: o *Jornal do Brasil*, por exemplo, incluía nos romances imagens produzidas por famosos cartunistas como Bambino, pseudônimo de Arthur Lucas.

Importante destacar também que tais “livros populares” circularam em uma conjuntura de intensas transformações políticas (com a instauração da República), econ micas (com o *boom* da produção cafeeira e a intensificação da urbanização) e

sociais (fim da escravidão, aumento da imigração e emergência das lutas feministas), as quais incidiram sobre a forma como o crime era compreendido, pensado e representado. Como elemento presente tradicionalmente na cultura popular e no cotidiano das cidades, o crime tornou-se objeto da cultura midiática, em nome do entretenimento e da identificação dos leitores e leitoras com o conteúdo de jornais e livros (Kalifa, 2019; Guimarães, 2013). Daí o número elevado de publicações com enredos centrados na criminalidade.

Diferentes pesquisas em História Cultural já abordaram a literatura de crime que circulou no Rio de Janeiro entre fins do século XIX e início do XX, tais como: Porto (2003; 2009), El Far (2004) e Meyer (1996), apenas para citar algumas. Contudo, estas investigações pouco trataram da atuação feminina na produção das ficções e na condição de sujeitos representados pelo discurso literário.

Deste modo, o presente trabalho volta seu olhar a estas relações ainda não abordadas pela historiografia, partindo de um estudo de caso - a atuação de Maxime Villemer (pseudônimo de Anne Violet) e seu romance *A envenenadora* (1906) – para a compreensão da inscrição de escritoras na produção de romances de crime e das especificidades das representações da criminalidade feminina em suas obras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

Nossa empreitada fundamenta-se no conceito de representação de Roger Chartier (2002), o que nos permite apreender a literatura de crime como um conjunto de representações sociais que se constituíram a partir da realidade concreta, ao mesmo tempo em que se apresentam como matrizes de práticas sociais. Além disso, o conceito remete ao caráter de construção social destas imagens, que revelam interesses, expectativas e projetos dos grupos que as forjam.

Dois outros conceitos nos auxiliam a pensar o lugar social ocupado por escritoras e a construção das representações em suas obras: a categoria de gênero (Scott, s/d; 2012) e o de “lutas de representação” (Chartier, 2002, p.17). A partir da categoria de gênero, partimos da análise da inscrição das escritoras em uma sociedade fundada na divisão binária e desigual entre os sexos, cujo patriarcalismo se impõem por meio de violências físicas e simbólicas sobre as mulheres (Soihet, 1997). Este aspecto implica, em reconhecer a existência de condições desiguais para a atuação das mulheres no campo

intelectual (Duarte; Paiva, 2009).

No que tange ao estudo das representações, a categoria de gênero reforça a necessidade de desnaturalizarmos as definições do “ser homem” e do “ser mulher”, compreendendo-as como construções historicamente datadas e imbrincadas em relações de poder. Isso implica pensarmos também as ideias e conceituações sobre a criminalidade em termos generificados, isto é, que para cada contexto histórico a atuação no crime é pensada de forma distinta para homens e mulheres, em conformidade aos modelos estabelecidos a cada sexo e hegemônicos em determinado período.

É importante destacar que a inscrição das “mulheres de letras” (Duarte; Paiva, 2009) e das representações sobre o crime em relações de gênero desiguais, não implica, contudo, em pensar tais relações como estanques, caracterizadas pela aceitação plena de preceitos, interesses e visões de mundo do grupo masculino e dominante. O que temos é sua presença em uma arena de disputas, marcada por “lutas de representação”. Assim, o conceito de Chartier nos leva a pensar as representações presentes em romances de autoria feminina em sua imersão “num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação” (Chartier, 2002, p.17).

É a partir destes aportes teóricos que tratamos a seguir sobre a trajetória de Anne Violet, autora francesa de romances populares, que sob o pseudônimo Maxime Villemer, teve suas obras publicadas pelo *Jornal do Brasil* entre 1900 e 1907. Em seguida, apresentamos nossas análises sobre as representações da criminalidade feminina presentes em uma de suas obras, *A envenenadora* (1906). Tendo por método a análise do discurso, buscamos compreender os diálogos estabelecidos com outras produções discursivas sobre mulheres e o crime vigentes no contexto de circulação da obra no Brasil - como as da medicina social e da criminologia positivista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Considerações acerca da trajetória de Anne-Violet (Maxime Villemer)

Se para os leitores contemporâneos brasileiros, o nome Maxime Villemer não se apresenta como uma referência literária, nem ao menos como um nome familiar, o mesmo não poderia ser afirmado para muitos dos que dominavam a palavra impressa na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Isto pois Maxime Villemer constava como autor de diversos romances-folhetins publicados pelo *Jornal do Brasil*,

como *Maldição* (1900), *Martyrio* (1902), *Víbora!* (1904), *A envenenadora* (1906) e *O morto vivo* (1907).

Tendo significativa repercussão na sociedade carioca, o *Jornal do Brasil* adaptou-se às transformações paradigmáticas da imprensa de finais do século XIX, apostando em sessões de entretenimento e sobre o cotidiano para atrair o interesse de um público consumidor variado (Sodré, 1966). Crime e assuntos policiais emergiam em suas páginas, com *fait divers* e romances-folhetins ocupando cada vez mais espaço no corpo do periódico. É a partir desta perspectiva que pensamos a publicação dos romances de Villemer.

Maxime Villemer aparece nas páginas do *Jornal do Brasil* em folhetins, anúncios de venda e premiação aos assinantes. Em um anúncio de *A envenenadora*, de 8 de setembro de 1906, o autor é apresentado como um dos “mais festejados”, por escrever enredos capazes de “prender a atenção” dos leitores (*Jornal do Brasil*, 8 de set., 1906, p.3). Em nossa pesquisa, contudo, não encontramos no referido jornal informações mais detalhadas sobre este escritor, nem menção ao fato de que se tratava de um pseudônimo, adotado pela escritora Anne Violet.

Quem seria esta escritora, cujas obras eram publicadas e lidas por anos seguidos, popularizando-se na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX? Anne Violet nasceu em 1841, em Saone-et-Loire, interior da França. Como outras autoras de romances populares do período, ela provinha da classe trabalhadora, como nos indicia a ocupação de seu pai, que era um comerciante de tecidos (Constans, 2007).

Poucas são as informações que conseguimos rastrear sobre sua vida já na fase adulta (não encontramos dados sobre sua infância). Sabemos que era casada com Francey. Em 1923, morreu viúva e sem filhos, na cidade de Vincennes, nas proximidades de Paris (Constans, 2007). Entre 1897 e 1914, publicou romances-folhetins em *Le petit journal*, jornal diário de cunho popular, editado em Paris (YASUKAWA, 2013). Alguns de seus romances foram publicados também no *Journal des romances populaires illustrés* (1905) e nas revistas *L'oeil de la police* (1911/1912) e *La Semaine Illustrée* (1911). O sucesso de suas publicações fez com que parte de seus romances fossem reeditados e publicados com outros títulos nas décadas de 1920 e 1930, e que coleções populares divulgassem suas obras na França, até a década de 1950 (Constans, 2007).

De acordo com Ellen Constans (2007), Anne Violet atuava em um contexto marcado pela modernização da imprensa periódica e pela profissionalização das mulheres como escritoras, o que impunha a ela diferentes desafios.

Ter uma obra publicada em fins do século XIX e início do XX, em livro ou folhetim, requeria não apenas a escrita do material, mas também o estabelecimento de contatos e de negociações com aqueles responsáveis pela edição e publicação dos textos. Contudo, as imposições culturais ao gênero feminino, vigentes no período, inscreviam a atuação das mulheres no âmbito privado e familiar, dificultando o acesso ao meio público em que os contatos do mercado editorial aconteciam. A maior facilidade de escritores a este meio, tornava a concorrência masculina o primeiro desafio às escritoras.

A solução adotada por muitas mulheres para se inserirem nesta arena foi a adoção de pseudônimos masculinos, que as mantinham no anonimato. Como exemplos, podemos citar Georges Maldaque (Joséphine Maldague) e Paul d'Aigremont (Jeanne Thérèse Ninous) (Constans, 2007).

Para os casos em que se concretizassem os contatos editoriais, as negociações para a publicação da obra de uma escritora perpassavam ainda pela definição do tipo de narrativa a ser produzida e lida por mulheres. Segundo alguns discursos hegemônicos do período, o romance era o estilo literário mais adequado à condição natural feminina, desde que moralmente coerente com os princípios burgueses, o que explicaria sua adoção pelas intelectuais em sua entrada no mundo das letras (Constans, 2007).

Juntamente à adoção do pseudônimo masculino e da escrita de romances, dois outros fatores nos auxiliam a compreender a presença de Anne Violet em uma rede composta predominantemente por homens (escritores, mas também editores, donos de jornais e tipografias etc.): em primeiro, sua habilidade em criar enredos com temas e recursos que agradavam aos leitores, reproduzindo fórmulas de sucesso. E, em segundo, sua atuação na luta pelo reconhecimento da profissão como escritora.

Violet atuava de forma profissional na escrita de romances populares, isto é, vivia da renda de suas produções – o que parece ter sido bem-sucedido, ganhando consideráveis somas com os direitos de reprodução de seus textos (Constans, 2007). Estando ciente “que o exercício de sua profissão constitui uma parte essencial de suas identidades” (Constans, 2007, p. 25, tradução nossa)¹, ela, junto a outras de sua época, buscou pelo reconhecimento de sua atuação literária com a apresentação de candidatura à *Société des Gens de Lettres* (S.G.D.L.). Maxime Villemer se tornou membro desta associação aos 64 anos.

¹Feuilletonistes de grands quotidiens, têtes de file de collections appréciées, ‘maîtres du roman catholique’, eles ont toutes en commun d’être des professionnelles de l’écriture romanesque, eles ont conscience que l’exercice de ce métier constitue une partie essentielle de leur identité (Constans, 2007, p. 25).

Os pareceres dos membros da sociedade à solicitação de Anne Violet revelam o reconhecimento de seu sucesso junto ao público leitor, assim como da soma em dinheiro que isso representava para a escritora, e, conseqüentemente, aos cofres da *Sociedade*. Contudo, reforçavam a ideia de que suas produções eram de baixa qualidade literária sendo assim afastadas do cânone (Constans, 2007).

Voltando-nos ao contexto brasileiro, podemos pensar a presença de Maxime Villemer no *Jornal do Brasil* também como um sinal de reconhecimento dos editores deste periódico acerca da popularidade da escritora e, conseqüentemente, das benesses financeiras que poderiam advir com a publicação de seus romances.

Vale apontar que desde meados do século XIX, romances-folhetins franceses poderiam ser encontrados nos jornais brasileiros. Permitem-nos compreender este fenômeno: a. a mudança de paradigma na imprensa enquanto empresa comercial, o que impulsionava a publicação de material diversificado e de entretenimento; b. o processo - que remonta ao período imperial - de valorização da cultura francesa como representante do progresso e da modernidade. Nesse sentido, apostar em elementos associados à França trazia valor agregado aos jornais nacionais e maior popularidade frente aos leitores (Nadaf, 2009).

Como aponta as pesquisas realizadas por Meyer (1996), muitos romances-folhetins franceses foram publicados no Brasil entre fins do século XIX e início do XX, com alguns de seus autores sendo amplamente conhecidos na sociedade carioca como: Alexis de Bouvieur, Ponson Du Terrail, Alexandre Dumas Pai etc. Surge então a seguinte questão: o que explicaria a escolha do *Jornal do Brasil* pelos textos de Maxime Villemer?

Algumas hipóteses podem ser delineadas: em primeiro lugar, a existência de relações entre o *Jornal do Brasil* e *Le Petit Journal* – periódico que popularizou as obras de Anne Violet na França. Em nossa pesquisa no site da hemeroteca da Biblioteca Nacional, no *Jornal do Brasil*, entre 1900 a 1909, encontramos 76 ocorrências do termo *Le Petit Journal* (entre aspas). Nestas, podemos identificar menções a notícias, imagens e seções específicas deste jornal; assim como registros do recebimento de seus exemplares pelos editores do *Jornal do Brasil*.

Para além do contato direto entre os periódicos, é possível identificar certa afinidade entre estes, afinal, ambos se propagandeavam como jornais “popularíssimos”. A publicação de obras que garantiram sucesso ao *Le Petit Journal* poderia, assim, surgir aos editores do *Jornal do Brasil* como um caminho certo ao alcance do mesmo objetivo.

Em segundo lugar, podemos apontar o interesse dos leitores/as cariocas por romances “sensacionais” (El Far, 2004) como os de Villemer. Neste caso, tratava-se de interesse não apenas associado aos anseios de modernização *à la* Paris, mas ligado à presença nestas obras de valores socialmente compartilhados entre franceses e brasileiros (Guimarães, 2013). Segundo El Far (2004) e Meyer (1996), em meio a enredos moralizantes e cativantes, as narrativas populares discutiam temas caros à sociedade da época, como o matrimônio, a infância, os conflitos entre pais e filhos e a miséria. Quanto às narrativas de crime – como as de Villemer –, elas proporcionavam certa “democratização do crime e dos criminosos” ao tratar de personagens de diferentes grupos sociais, gêneros, nacionalidades e idades. Deste modo, indivíduos distintos poderiam se identificar com o narrado (Meyer, 1996).

Sendo assim, a publicação dos romances de Anne Violet pelo *Jornal do Brasil* atendia aos interesses tanto dos proprietários e editores do periódico, quanto de seus(as) leitores(as).

3.2 Análises das representações da criminalidade feminina em *A envenenadora* -1906

Como mencionado anteriormente, os romances de Maxime Villemer seguiam fórmulas tradicionais e de grande sucesso entre leitoras e leitores. Eram narrativas de fácil compreensão, com personagens com pouca densidade psicológica, cujos padrões se repetiam texto após texto. As tramas centravam-se em situações dramáticas ou “sensacionais” (El Far, 2004) como a perda dos pais e a orfandade; abandono; intrigas envolvendo casais apaixonados; a busca pela solução de uma culpa falsamente atribuída; e a ocorrência de crimes.

A obra a que daremos centralidade neste trabalho segue esta proposta. Na França, ela recebeu o título *La faute d'amour*, sendo publicada pela primeira vez como folhetim em *Le Petit Journal*, de 8 de outubro de 1905 a 4 de fevereiro de 1906. Em anos seguintes, surge também em dois semanários ilustrados: *L'oeil de la police* (1911/1912) – especializado em narrativas policiais e criminais, que circulou entre 1908 e 1914 - e *La Semaine Illustrée* (1911) – revista voltada a fatos diversos, incluindo-se os criminais. Apesar do título *La faute d'amour* indicar como ponto central do enredo as intrigas em torno de uma relação amorosa - o que pode ser apreendido também por ilustrações em anúncios da obra em *Le Petit Journal* (8 out. 1905, p. 1) - sua publicação nas duas revistas

citadas acima abre-nos novas chaves interpretativas, em especial, centradas na abordagem do crime.

No Brasil, o romance é publicado pelo *Jornal do Brasil* a partir de 9 de setembro de 1906, traduzido ao português, em fascículos de domingo. Recebe como título *A envenenadora* o que, conjuntamente com as imagens dos anúncios da obra², aponta para um destaque maior dado à ação criminosa da protagonista, em detrimento às relações familiares e amorosas da história. Por anos seguidos, o *Jornal do Brasil* apresenta anúncios da venda de *A envenenadora* em volume produzido pela tipografia do jornal, o que a nosso ver indica a popularidade alcançada pela obra no Rio de Janeiro.

Em suma, o enredo conta a história de Morgana Le Garrec, mulher de origem humilde que se estabelece como governanta da rica família Le Presles e que executa diferentes crimes contra esta família em busca de ascensão social. Ao longo da trama, a construção da protagonista como uma mulher criminosa perpassa por sua caracterização física e comportamental em dissonância ao ideal atribuído ao sexo feminino por discursos médicos e jurídicos dos séculos XIX e XX.

Neste contexto, tanto na Europa quanto no Brasil, uma série de proposições médico-científicas buscava definir o “ser homem” e o “ser mulher” por meio da associação entre características fisionômicas e psíquicas/comportamentais, estabelecendo de maneira dicotômica o que seria “natural” a cada um dos sexos (Costa, 2004; Soihet, 1989; Rago, 2014). Deste modo, identificava-se no corpo masculino a protuberância e força física, desenvolvimento diferenciado do cérebro e movimentação no sistema reprodutor, associando-os à capacidade do homem para realizar tarefas que exigiam força, para a proteção familiar, atuação em atividades intelectuais, e comportamento ativo nas relações sexuais e na vida pública.

Em oposição, os corpos femininos eram definidos como frágeis e pequenos, com desenvolvimento cerebral centrado em áreas ligadas à afetividade e estagnação dos órgãos reprodutivos – o que corresponderia a condutas passivas, delicadas e submissas; à pouca propensão a atividades intelectuais e públicas; e ao baixo interesse sexual fora da procriação. A partir destas definições, atribuía-se à mulher um instinto natural aos cuidados domésticos e à maternidade, cunhando-se o modelo universal para o gênero: a “esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” (Rago, 2014; Maluf, Mott, 1998).

² Um exemplo destes anúncios pode ser encontrado no *Jornal do Brasil*, em 07 e 08/09/1906, p.3.

É importante destacarmos que tal modelo estava longe de corresponder à realidade das mulheres daquele contexto, em especial, aquelas advindas das classes trabalhadoras. Isso implica em compreendermos tais proposições como expressão de interesses e expectativas dos grupos que as forjaram, isto é, como parte de um ideário burguês e patriarcal que visava a adequação feminina à ordem de poderes estabelecida. Na medida em que se tornou discurso hegemônico, o modelo burguês de feminilidade se impôs de diferentes formas sobre as mulheres cariocas, sendo por elas apropriado e contestado.

No que tange à obra literária analisada neste artigo, é possível identificar diálogos entre os preceitos burgueses e a construção da protagonista. Fisicamente, Morgana segue os padrões europeus de beleza feminina próprios ao início do século XX (Knibiehler, 1991): jovem, de pele clara, fartos cabelos negros, com “lábios de coral” e “olhos aveludados, compridos olhos negros e raiados de ouro” (Villemer, 1906, p. 3).

Contudo, tal beleza ganha ressalvas na medida em que é associada à sedução. Como uma “sereia”, a protagonista encanta e seduz os homens que deseja, incluindo o patriarca Le Presles. Assim, dialogando com as proposições da medicina social que circulavam na Europa e no Brasil, a criminosa na ficção é delineada em oposição ao que se estabelecia como ideal às mulheres. Longe da chamada “beleza higiênica”, saudável e compatível com a execução dos papéis sociais atribuídos ao sexo feminino - como a maternidade – (Lolito, 1997, p. 138 *apud* Maluf; Mott, 1998, p. 392) temos em Morgana uma “beleza sedutora”, associada às mulheres de conduta duvidosa, como as prostitutas, e pernicioso à ordem social vigente.

Quanto às características comportamentais da protagonista, elas se constroem em oposição a três pilares do ideal feminino burguês: a propensão à vida doméstica; a maternidade e a sexualidade regulada. Quanto ao primeiro ponto, temos na própria voz de Morgana sua definição: “Eu não sou como as outras mulheres: preciso do luxo, preciso dos prazeres que embriagam...que fazem esquecer” (Villemer, 1906, p. 95). Assim, ao longo a narrativa temos a personagem envolta em festas, jogos de cassino e na vida mundana, longe da vida pacata e restrita do âmbito privado.

Acerca da sexualidade, no início do enredo, os leitores são informados de que Morgana perdeu a virgindade ainda muito jovem, fora do matrimônio. Quando ainda morava com seu pai, conhecera um artista mal-intencionado, que “apenas a amara para se distrair” (Villemer, 1906, p.4) abandonando-a em seguida. Desta relação, nasce Daniel, que despertara na protagonista um “sentimento materno que toda a vida a dominará” (Villemer, 1906, p. 197).

Em idade madura, Morgana torna-se cortesã, relacionando-se com diferentes homens em busca de suporte financeiro. Nesta fase de sua vida, narrada já na parte central do romance, a personagem é constantemente representada pela dicotomia mãe/cortesã. Se por um lado é uma mulher disposta a fazer tudo pelo bem-estar de seu filho, inclusive cometer crimes; por outro, é também livre, desejosa do ócio, luxo e vícios.

A dicotomia de sua residência aponta para estas duas facetas de sua constituição e para a impossibilidade de sua conciliação: o palacete da Avenida do Bosque de Bolonha, era o local onde a protagonista recebia diferentes homens e realizava festas e jogos de cassino; e a casa do *boulevard* S. Miguel, local dedicado exclusivamente ao filho Daniel. Sendo assim, apesar de ter a maternidade como elemento constitutivo de sua identidade, Morgana exerce sua função de mãe de forma distinta àquela apregoava pelos discursos hegemônicos, buscando conciliar a relação com Daniel a seus desejos individuais.

Cabe apontar que esta construção da criminosa como uma mulher que se afasta do ideal feminino burguês se dá também a partir da oposição de Morgana a dois outros personagens: Miquelina e Júlio Vaubaron. Miquelina é filha da família Le Presles, uma jovem nobre, de beleza sutil, defensora da honra familiar: uma heroína cujas características aproximam-se do modelo hegemônico de “ser mulher”. Júlio Vaubaron, por sua vez, é um homem branco, da classe trabalhadora, forte, violento, ambicioso, vadio, preguiçoso e difícil de educar: um vilão, cujas características colocam o criminoso em oposição ao modelo masculino burguês (isto é, do homem trabalhador, responsável pelo sustento e segurança da família).

Enquanto a oposição Morgana/Miquelina consolida a imagem da criminosa como aquela que foge ao “natural” das mulheres segundo os discursos hegemônicos, a dicotomia Morgana/Júlio mantém a inscrição da protagonista no campo do feminino, isto é, suas ações são mantidas em sintonia com o que o modelo burguês apresentava como possível a seu sexo. Deste modo, a criminosa da ficção é inscrita no campo do desvio comportamental e não na completa subversão das relações de gênero.

A representação dos crimes no romance nos auxilia a visualizar melhor como os papéis de gênero impõem-se na construção da criminosa e de suas ações. As primeiras cenas da narrativa apresentam o principal crime da trama: o envenenamento da marquesa Le Presles por Morgana. É por meio deste assassinato que a protagonista efetiva seu casamento com o marquês e estabelece uma relação conflituosa com Miquelina. A rivalidade entre estas mulheres, impulsiona Morgana a um segundo delito: a compra da filha de Miquelina e de João Bellanger. Crime este que também atende ao intuito de

Morgana em salvar da pobreza sua irmã Coralia, conseguindo a esta uma criança para ser herdeira do marido aristocrata.

Apesar de romperem com as ações esperadas à uma mulher pela elite burguesa, o envenenamento e o planejamento de rapto de uma criança, inscrevem Morgana em ações delituosas consideradas por alguns discursos criminológicos como tipicamente femininas (Claizoni, 2013; Lombroso, Ferrero, 1989). Assim como, em oposição, a atuação de Julio Vaubaron em roubos e golpes financeiros, marcada pela violência e sagacidade, fruto da ambição e desejo por lucro, enquadram-se em ações “tipicamente” masculinas.

As diferentes motivações de Morgana e Júlio ao crime também chamam a atenção para esta divisão sexual do crime em *A envenenadora*. Para Morgana, os crimes que realiza justificam-se como uma reparação frente ao abandono masculino - marcado no início de sua história pela figura do artista com quem perde a virgindade - ao desprezo social, e como alternativa viável à sobrevivência de uma mulher pobre. Já, as ações de Júlio Vaubaron são apresentadas como forma de enriquecimento ilícito e condenável diante das possibilidades apresentadas aos homens no mundo do trabalho (algo negado às mulheres pela visão da protagonista).

Nesse sentido, o romance não apenas aponta para a diferenciação de homens e mulheres em suas relações como o crime, mas também tece de forma sutil críticas à condição feminina daquele contexto e a falta de alternativas às mulheres pobres em busca de melhores condições de vida.

As diferentes formas de disciplinarização de Morgana e Júlio coroam essa perspectiva. Ao fim da narrativa, enquanto Júlio é preso pela polícia, Morgana, junto à sua irmã, encaminha-se ao suicídio. Ao longo do enredo, a Justiça e a polícia aparecem apenas como potenciais, mas passíveis de serem manipuladas, o que leva a protagonista a não as temer. Seus temores estão na condenação social e na Providência divina.

O suicídio é apresentado como meio de libertação, frente ao abandono, à exclusão social e à miséria, como nos aponta o trecho a seguir:

[...] Vou procurar a morte [...] bem o sei, e não tremo, é com o sorriso nos lábios que corro ao encontro dessa morte libertadora. Que faria eu na vida, de ora avante? Sem afetos, desprezada, pobre, sem beleza, porque estou já velha, que me aconteceria? Até o filho que eu tanto amava me renegou [...] (Villemer, 1906, p. 358).

Ainda nas primeiras páginas do romance, Morgana, em posse de um frasco de arsênico, defende este posicionamento. Assim, ela afirma: “Quando estiver farta da vida, tomá-lo-ei também...e fugirei do mundo. Antes a morte que a mediocridade e a miséria” (Villemer, 1906, p. 4). Deste modo, o suicídio coroa a representação da criminosa como uma mulher inscrita e em franca oposição a uma ordem social desigual e violenta com as mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, visamos apresentar uma possibilidade de uso ampliado da categoria de gênero nos estudos sobre a literatura de crime que circulava no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX, considerando não apenas as mulheres como sujeitos representados, mas também como construtoras de representações. Esta perspectiva visa romper com a exclusão feminina ainda vigente nos estudos em História Cultural, voltados à criminalidade masculina e no uso de fontes documentais produzidas por homens.

Ressaltamos que o resgate de autoras como Anne Violet não implica em pensarmos a existência de uma escrita tipicamente feminina, em termos essencialistas. Mas sim, na adoção de uma perspectiva analítica que historiciza tal escrita, inscrevendo-a em um contexto marcado por relações desiguais entre os sexos.

Enfrentando os desafios que se apresentavam às “mulheres de letras” na França da passagem do século XIX ao XX, Anne Violet consolida-se como escritora de romances populares de crime, sendo reconhecida pelo “popularíssimo” *Le Petit Journal* e ganhando repercussão internacional com a publicação de suas obras pelo *Jornal do Brasil*.

Inscritos em uma cultura midiática transnacional, seus romances correspondiam aos anseios de modernização da sociedade carioca e de valorização da cultura francesa; ao mesmo tempo em que trazia aos/as leitores/as temas e dilemas compartilhados nos dois lados do Atlântico - o que explica a identificação dos/as cariocas com seus enredos.

Nesse sentido, nossas análises apontaram para os diálogos existentes entre as representações da criminalidade feminina presentes em *A envenenadora* e os discursos médicos e jurídicos sobre as diferenças entre os sexos, que se tornaram hegemônicos na sociedade carioca. Mas, se por um lado temos pontos de aproximação do texto com padrões comportamentais e morais da burguesia para homens e mulheres; por outro, é possível identificar críticas pungentes à inserção feminina na sociedade da época e uma

visão do crime como alternativa às mulheres pobres em busca de melhores condições de vida. Nesse sentido, *A envenenadora* dialoga também com os dilemas levantados pela luta feminista no Brasil das primeiras décadas do século XX, que já colocava em pauta questões como a falta da presença feminina no mercado de trabalho; a necessidade da educação das mulheres; e o divórcio.

REFERÊNCIAS

BROCA, B. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1956.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difel, 2002.

CLAIZONI, D. H. **A ordem pelo avesso: criminalidade e condição feminina no Recife (1890-1920)**. 139f. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2013.

CONSTANS, E. **Ouvrières des lettres**. Limoges: Presses Univ. Limoges, 2007.

Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=ZDqvVXR7rXUC&pg=PA57&lpg=PA57&dq=ouvrieres+des+lettres&source=bl&ots=ayOWcWukSS&sig=3gYSTfC4XMJ0njztOXBMPd7OrLU&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiJ1PX16afTAhUHG5AKHevuBEIQ6AEINzAC#v=onepage&q=ouvrieres%20des%20lettres&f=false>. Acesso em: 5 maio 2024.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

DUARTE, C. L.; PAIVA, K. B. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19180>. Acesso em: 5 maio 2024.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ABREU, Marcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). Livros para todos os bolsos e gostos. In: **Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp, 2005. Coleção Histórias de Leitura.

BRAGANÇA, A; ABREU, M. (Org.). Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. **Notícias Diversas**: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2013. (Coleção Histórias de Leitura)

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Imaginários do sensacionalismo: transferências culturais entre Brasil e França no início do século XX. **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 97-123, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11757>. Acesso em: 25 mar. 2024.

KALIFA, D. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e a sociedade na Belle Époque. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

KNIBIEHLER, Y. **Corpos e Corações**. In. **História das mulheres no Ocidente**. DUBY, Georges; FRAISSE, Genevieve; PERROT, Michelle (Org). v. 4. Porto/São Paulo: Edições frontamento/EBRADIL, 1991.

LOMBROSO, C.; FERRERO, G. **The female offender**. New York: D. Appleton and Company, 1898.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In. **História da vida privada no Brasil**. NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. (Org). v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEYER, M. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119–138, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014>. Acesso em: 25 mar. 2024.

PORTO, Ana Gomes. **Crime em letra de forma**: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. Dissertação (mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, [S. n.], 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/274017>. Acesso em: 25 mar. 2024.

PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas**: Literatura de crime no Brasil (1870- 1920). Tese (doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, [S. n.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/436292>. Acesso em: 25 mar. 2024.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930). 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. 2. ed. Recife: S.O.S. Corpo, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1737847/mod_resource/content/1/Scott_g%C3%AAnero%20uma%20categoria%20%C3%BAtil%20para%20a%20an%C3%AAlise%20hist%C3%B3rica.pdf. Acesso em: 5 maio 2024.

SCOTT, Joan. Usos e abusos do gênero. Tradução de Ana Carolina E. C. Soares.

Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/15018>. Acesso em: 5 maio 2024.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas.

Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 5 n.1, p. 7-29, 1997. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558>. Acesso em: 6 maio 2024.

VILLEMER, M. **A envenenadora**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Brasil, 1906.

YASUKAWA, T. **Poétique du support et captation romanesque**: la “fabrique” de son lecteur par le roman de la victime de 1874 à 1914. Tese (doutorado em Literatura francesa) - Université de Limoges, Limoges, França, 2013.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.